

Locais de resistência e aquilombamento

(texto de Marina Stuchi)

A VENDA DOS PRETOS

A população negra desempenhou um papel fundamental na formação socioeconômica e cultural do Brasil. No entanto, a invisibilização e o silenciamento de suas trajetórias contrastam com a grandiosidade dos empreendimentos de muitos negros e negras no nosso país.

Todavia, assemelhando-se à realidade de outras localidades do Brasil, Londrina mantém na invisibilidade a história e a cultura do negro, não obstante, este segmento representa 26% da população da cidade, segundo o último censo realizado na cidade. Tornar mais conhecida a trajetória de personalidades negras que se destacaram social, política e intelectualmente, bem como a história dos locais de preservação da memória e cultura desse contingente populacional, configura-se como uma reparação do processo histórico da cidade, sobretudo, como forma de valorização da população negra, que contribuiu significativamente para a construção e desenvolvimento da cidade de Londrina, do estado do Paraná e do Brasil.

Os braços negros constituíram-se uma força de trabalho fundamental no contexto da colonização de Londrina, que demandava árduas jornadas de trabalho na derrubada de matas e nas lavouras de café. Enfatiza-se, porém, que a atuação da população negra não se restringe ao trabalho braçal, ao contrário, trata-se de uma trajetória de luta, resistência e protagonismo no processo de construção do Brasil que merece visibilidade e reconhecimento na história nacional.

O Encruzo, local da “Venda dos Pretos”, é um ponto de dinamismo comercial e cultural que podemos denominar como território negro rural pelo agregado de famílias negras que depois, como todos os territórios do mesmo gênero, quando ganham infraestrutura tornam-se urbanizações brancas devido à força da institucionalização do racismo sobre o espaço urbano.

A Venda dos Pretos é um conhecido estabelecimento comercial localizado no alto do

Distrito Espírito Santo, zona rural de Londrina. Pertencente à família da D. Edith há quase 70 anos, a Venda já está sob a administração da terceira geração da família Marques Neves. Foi comprada pelo pai de Dona Izolina, João Marques Neves, na década de 1950, com o dinheiro ganho do seu trabalho, na derrubada de matas e nas lavouras de café.

Podemos pensar, portanto, que o negócio da “Venda dos Pretos”, são partes das histórias de vida de uma comunidade na formação da cidade de Londrina e a família de Dona Edith Marques Neves foi pioneira no empreendedorismo local.

A Venda dos Pretos constitui-se em Londrina como um patrimônio histórico. As características originais de construção do estabelecimento estão preservadas, como a construção rústica em madeira, o balcão de peroba e uma antiga balança de precisão. Localizada no Distrito do Espírito Santo, a Venda é o ponto principal para informações. Por se situar entre três vias - Rodovia Mábio Gonçalves Palhano, Rodovia Luiz Beraldi e Estrada Antonio Pieroli - é também conhecida como Venda do Encruzo. O espaço no qual se localiza a Venda dos Pretos apresenta também outras singularidades: na área atrás do estabelecimento há uma comunidade composta por sete casas nas quais residem sete famílias negras, todas aparentadas entre si. Pela história e constituição desse local podemos pensar que esse espaço se configura como um território negro na cidade.

A Venda também recebia personalidades afamadas na cidade, como os pioneiros Álvaro e Olavo Godoy, que até 1989 eram donos da fazenda Santa Helena, localizada no Distrito Espírito Santo, que foi transformada no Parque Estadual Mata dos Godoy, área protegida que abarca uma das principais florestas do norte do Paraná. D. Izolina afirma que seu pai considerava os irmãos Godoy seus irmãos e que eles sempre paravam na Venda para beber e prostrar com João, que foi um dos empreiteiros na derrubada de mata nas terras da família Godoy. Mas a venda também era um importante comércio local e muito procurada pelos trabalhadores que chegavam a Londrina e precisavam comprar materiais para o trabalho no campo.

“Naquele tempo tinha muito peão, passavam aí na estrada aqueles peões que andavam com a mala nas costas, que vinham tocar café. Tinha dia que você contava uns mil peões, tudo com mala nas costas. Nesse tempo, na Venda nós vendia de tudo: “sapatão”,

roupa, era de tudo e a peãozada não deixava nada. Era até bonito! Às vezes, quando você entrava na Venda, eles lotavam a Venda, largavam as malas lá fora, ou então aquelas trouxas nas costas assim, com as roupas deles... E nós fornecia para a Fazenda Cegonha, a Fazenda São José, as compras eram tudo nós que levava às fazendas. Nós tinha uma Perua e um Jipe. Aqui perto, os meninos mais novos que eu, um pegava o Jipe e o outro a Perua Rural e iam fazer a entrega para as fazendas. E eu, com a carroça, ficava fazendo as entregas por aqui mesmo.”ⁱ

Atrás da Venda dos Pretos, há uma comunidade constituída por sete casas nas quais residem sete famílias negras, todas pertencentes ao mesmo núcleo originário, os Marques Neves. A organização do território foi iniciada na década de 1950, quando João Marques Neves tornou-se proprietário da Venda. Passados mais de 60 anos, as casas, que inicialmente foram sendo construídas para os filhos de João, hoje já abrigam netos e bisnetos. Dentre os filhos do patriarca, ainda residem na comunidade Adelino Marques Neves e Izaura Maria Rocha. Dessa mesma geração, mora também Maria Aparecida, a viúva de Antônio, filho mais novo de João, que tomou conta da Venda antes da D. Izolina. Ao todo, vivem na comunidade 25 pessoas. As moradias são autoconstruídas, isto é, estruturadas coletivamente com a mão-de-obra dos próprios familiares que imprimiram ali suas características históricas e socioculturais.

A Venda e a comunidade que vive atrás do estabelecimento demarcam especificidades históricas e culturais que assumem contornos de território negro. Como analisam Cunha Junior e Rocha, ao versarem sobre os “territórios de maioria afrodescendente”, esse tipo de organização é orientado por princípios sociais africanos que regem os territórios negros produzindo sobre esses espaços o senso de coletividade, a afeição aos vínculos e aos territórios de sociabilidade e a produção de identidades.ⁱⁱ

No dia 5 de maio de 2012, a Câmara Municipal de Londrina promoveu a entrega do Diploma de Reconhecimento Público à D. Izolina e à Venda dos Pretos. Trata-se de uma honraria concedida a pessoas ou locais que contribuem com a comunidade londrinense no âmbito cultural, social ou político. A iniciativa da homenagem partiu do ex-vereador Tito Valle (PMDB) e foi ratificada por outros 12 vereadores que reconheceram a importância dos serviços prestados há mais de 60 anos pelos homenageados.

ⁱ Relato de Dona Izolina, presente no livro “Dona Izolina e a Venda dos Pretos : solidariedade e resistência”

ⁱⁱ CUNHA Jr., Henrique, RAMOS, Maria Estela Rocha. Territórios de maioria afrodescendente: Segregação urbana, cultura e produção da pobreza da população negra nas cidades brasileiras. Revista Desenvolvimento Social. Montes Claros, n. 2 – dez., 2008